

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

PORTUGAL E O CONTEXTO DA CRISE

por Mário Soares

1. A Comunicação Social, todos os dias, invade a casa dos portugueses e torna-os, cada vez mais, pessimistas. Há razões para isso: o desemprego crescente, a pobreza, que começa a ser muito preocupante, a precaridade do emprego, as falências das pequenas e médias empresas, que se anunciam com extrema frequência e as inaceitáveis desigualdades sociais. Mas apesar de tudo isso - e o mais que se poderia acrescentar - os portugueses não devem, nem podem, deixar-se cair no pessimismo e perder a confiança em si próprios e no futuro do País a que pertencem.

É preciso reagir. Portugal não está sujeito a nenhuma fatalidade. As crises - e tivemos algumas, graves, nos últimos anos - têm tido sempre solução. É o que a história nos ensina. Às vezes até nos abrem novas oportunidades.

Sucedem que a actual crise - que melhorou em 2009 e está de novo a agravar-se, em 2010 - é uma crise global, que chegou até nós por via da importação, não por razões internas, nacionais. Resultou do ataque especulativo contra o euro, a que nós pertencemos e ainda bem, desde o Governo Guterres. Digo ainda bem, porque se não pertencessemos ao euro, estaríamos agora muito pior, como estão a libra inglesa e as finanças do Reino Unido, que atravessam o momento mais difícil, desde o fim da II Guerra Mundial.

Trata-se, pois, de uma crise mundial - a China e outros países emergentes também a estão a sofrer, com

maior ou menor intensidade - e os Estados Unidos, apesar dos esforços, para a vencer, do Presidente Obama, também não escapam, bem como o Japão, para não falar de outros países menos desenvolvidos. Tocou agora a vez à União Europeia, em especial aos países da zona euro, por não terem uma política financeira e económica concertada, entre os vinte e sete Estados-membros, nem, menos, entre os dezasseis.

Portugal está entre estes últimos, como sabemos, mas não é dos mais atingidos, como disseram as Agências de Ranking, ao serviço de grandes interesses pouco claros. A Irlanda, por exemplo, está pior, porque se concentrou na redução do deficit e do endividamento externo, público e privado, deixando aumentar o desemprego e descurando a segurança social. Portugal, como aliás a Espanha, têm tido mais prudência, procurando cumprir as decisões monetaristas de Bruxelas

sem descuidar a segurança social e os problemas ecológicos.

Será isso possível? É o que vamos ver. Obama, no início do seu mandato disse - julgo que o fez logo no discurso da sua posse - que para vencer a crise era preciso criar um novo modelo de desenvolvimento, a que chamou, um novo paradigma. Reputados economistas o têm afirmado também. Mas é mais fácil dizer do que fazer: os paraísos fiscais continuam a actuar, sem qualquer transparência, os negócios especulativos que estão na origem da crise dos subprime, permanecem e não há - ou não se querem descobrir - responsáveis. Salvo na América do Norte, onde o especulador máximo, Bernard Madoff, foi condenado a 150 anos de prisão, que está a cumprir...

Contudo, os Estados Unidos de Obama não conseguiram ainda impor um novo modelo de desenvolvimento, dada a resistência dos republicanos e

mesmo de alguns democratas. Pelo contrário, na União Europeia, os seus dirigentes nunca se entenderam para mudar de modelo de desenvolvimento ou para punir os responsáveis. Quiseram, tão só, como disse o autor do Gattopardo, Lampedusa, que inspirou o filme do mesmo nome: "mudar o menos possível para que tudo fique na mesma"...

E aí reside o busílis ou seja: o ponto fraco da União para a solução da crise que nos atinge.

Assim, a União Europeia corre o risco de poder desintegrar-se, pondo em causa o projecto político de paz, de desenvolvimento sustentável e de bem-estar das populações, o mais original e importante que até hoje se descobriu. Portugal que há vinte e cinco anos aderiu, de pleno direito, à CEE, hoje, União Europeia - e tanto ganhou com a solidariedade europeia - está agora a sofrer com a crise provocada pela especulação contra o euro. Mas se

tivesse ficado com o escudo, como é unanimemente aceite, estaria bem pior...

Deve, por isso, unir-se àqueles países dos dezasseis que querem fazer avançar a Europa, no sentido federal, para recuperar o seu crédito na cena mundial. Como os cidadãos europeus devem compreender - e pressionar os seus dirigentes - é o único caminho que lhes resta para evitar uma lenta decadência que, sem mudança, será inevitável. Os cidadãos e os partidos em que se inserem, têm aí enormes responsabilidades. Não há tempo a perder.

A oferta cultural.

2. Nunca foi tão grande e tão variada, como agora, a oferta cultural que existe, praticamente, em todo o território nacional. Bem como a variedade e interesse dos livros que todos os dias surgem nas livrarias. Os concertos, as peças de teatro, a dança, as exposições.

Vem isto a propósito de duas interessantíssimas Exposições que se apresentaram ao público, no mesmo dia, há acerca de duas semanas: uma, intitulada *Viva a República (1910-2010)*, na velha Cordoaria Nacional, recuperada, no quadro das múltiplas iniciativas da Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, presidida pelo Dr. Artur Santos Silva. Esta teve como coordenador o professor Luís Farinha; a outra, patente no Museu de Arte Antiga, intitulada *A invenção da Glória - D. Afonso V e as Tapeçarias de Pastrana*, organizada pelo Director do Museu, que foi também o coordenador da Exposição, António Filipe Pimentel, emprestadas ao Museu pelo Governo Espanhol. São duas Exposições muito diferentes, nos seus conteúdos e temáticas, mas ambas de um valor pictórico sem preço, extremamente didácticas e excepcionalmente importantes para a história portuguesa, em dois períodos distintos.

Recomendo vivamente a sua visita que, pessoalmente, fiz em dias separados, para melhor as poder apreciar.

Ambas se distinguem também pelos seus excelentes catálogos. Com estudos e fotografias muito diversos, que vale a pena folhear e ler com vagar.

Ao mesmo tempo, mas não no mesmo dia, também em Lisboa, a Fundação da EDP abriu ao público, no Museu da Electricidade, uma original e interessante Exposição, organizada por José Manuel dos Santos, intitulada *Povo-People*. Ainda não tive oportunidade de a visitar. Mas li o livro que a Fundação EDP publicou, intitulado "O que é o Povo?" em que tive o prazer de colaborar, ao lado de ilustres personalidades da cultura, da política, do jornalismo, do ensino, das artes e do mundo empresarial. É um livro interessante, que suscita a reflexão, actual e que vale a pena ler.

Um grande brasileiro, desaparece.

3. Faleceu sexta-feira passada, em Lisboa, Hermano Alves, jornalista e político brasileiro, deputado federal e grande amigo de Portugal, onde vivia, desde o 25 de Abril. Tinha aliás casado, com uma ilustre portuguesa, a professora universitária, Helena Gonçalves da Silva, poucos anos depois da Revolução dos Cravos, salvo erro, em 1985.

Conheci-o em Rennes, quando ambos estivemos exilados e fomos professores de português na Universidade da Alta Bretanha. Tornámo-nos amigos. Era um homem de uma grande cultura, que conhecia a fundo a política ibero-americana, brasileira e, obviamente, portuguesa. Durante o seu exílio, foi correspondente do Estado de São Paulo, da BBC e depois da Folha de São Paulo e do Expresso. Era um jornalista muito respeitado,

pela sua independência e espírito crítico mas também pela sua vasta cultura.

Lembro-me que quando estava na BBC, uma noite, altas horas, telefonou-me de Londres para me dizer que Lionel Brizzola estava refugiado na Embaixada Americana do Uruguai, onde se refugiara por ter havido um golpe militar e o quererem prender. Não conhecia Brizzola senão de nome. O Embaixador americano que o acolhera, queria deixá-lo partir para os Estados Unidos mas Brizzola precisava de um passaporte de forma a poder viajar. Hermano Alves pediu-me que lhe concedesse um passaporte português. Disse-lhe, imediatamente, que sim. Era então primeiro-ministro do I Governo Constitucional. Ainda tive alguns dissabores por causa disso, uma vez que vivíamos então um momento muito conturbado. Mas não me passou sequer pela cabeça recusar-lhe o passaporte, tratando-se de um brasileiro, do país irmão que, antes da Ditadura brasileira, tinha recebido tantos portugueses de

braços abertos, fugidos à Ditadura salazarista. Tais como: Jaime Cortesão, Jaime Morais, Sarmento Pimentel, Comandante Pio, Adolfo Casaes Monteiro, Humberto Delgado, Henrique Galvão, Pedroso Marques e tantos outros.

Brizzola viria depois a fixar-se em Lisboa e foi na sede do PS, ao Rato, que reuniu, nas vésperas do fim da Ditadura brasileira, o Congresso do seu Partido Trabalhista.

Hermano Alves foi um grande conhecedor da história e da política de toda a Ibero-América, nomeadamente do Brasil, mas também da Europa, antes e depois da guerra fria. Por isso, enquanto Presidente, o escolhi como meu assessor para a Ibero-América.

Seguiu também, com sucessivos artigos, a Revolução dos Cravos, o PREC, a descolonização e a

entrada de Portugal na Comunidade Europeia. Era um apaixonado de Portugal que conhecia bem e sobre o qual escreveu muito, especialmente nos momentos mais críticos. Os seus artigos, e demais escritos - deviam ser compilados e publicados.

Portugal perdeu um grande amigo e o Brasil, país irmão, um grande resistente, patriota, jornalista e político de dotes excepcionais.

Lisboa, 6 de Julho de 2010